Numero 15 Segunda-feira 8 de Maio de 1882 I Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

HOMENAGEM A POMBAL

SEBASTIÃO JOSE DE CARVALHO E MELLO

SUMMARIO

O MARQUEZ DE POMBAL, por Theophilo Braga.
OS GRANDES HOMENS, por Luiz Filippe.
O CYCLOPE, (poesia), por Carlos Faria.
UM COLLABORADOR DO MARQUEZ DE POMBAL, por Teixeira Bastos.
O CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL E SEUS DESCENDENTES, por Egberto de Mesquita.
A PROPOSITO DO CENTENARIO, por Anselmo Xavier.
A PIEDADE JESUITICA, por Alexandre da Conceição.
O CENTENARIO POMBALINO, por G. Benevides.
A ADMINISTRAÇÃO POMBALINA, por F.R.
O MARQUEZ DE POMBAL PERANTE O SECULO, por A. Ponce Leão Barboza.
OS JESUITAS E O MARQUEZ DE POMBAL, por Tavares de Castro.
O CENTENARIO, por Bessa Carvalho.
O SUBLIME PATRIOTA, por Azevedo Ramos.

AVEIRO

O MARQUEZ DE POMBAL

O Centenario que hoje se celebra é como o grande e imparcial julgamento de um seculo; a justiça para os vultos historicos como Pombal não consiste em attenuar-lhes as acções com euphuismos rhetoricos, nem em calar os meios mais ou menos duros com que exerceram o dominio, basta simplesmente que se restituam á sua epoca e que se ponha em evidencia o seu destino.

O seculo XVIII, a éra dos Encyclopedistas, eis o fundo do quadro em que se destaca a figura de Pombal, a par d'esses homens, que, como Aranda, Choiseul, d'Argenson, Campomanes e outros, transformaram a soberania hereditaria em um effectivo poder ministerial. O seu destino consistiu em separar a causa da realeza, pensando que a fortificavam pela pratica das doutrinas regalistas, da colligação do clericalismo e da aristocracia, determinando assim de um modo inconsciente a dissolução do regimen catholico-feudal, base imprescindivel para a reconstrucção da sociedade europêa pela liberdade civil, politica e philosophica. A revolução franceza foi precedida pela revolução intellectual dos Economistas e dos Encyclopedistas, estabeledendo-se a éra moderna pela synthese activa pela primeira vez subordinada á synthese especulativa. O seculo XVIII começa pelo assombroso phenomeno demonstrado da gravitação universal e acaba pela apropriação da maior força da natureza, o galvanismo. Entre estes dois pólos da intelligencia, as descobertas realisadas no seculo XVIII eram enormes, como moveis de applicação pratica, revolucionando a vida privada e fornecendo principios deductivos para a proclamação da liberdade de consciencia individual, e da liberdade politica ou social. Essa vertigem revolucionaria chegava até aos thronos, hallucinando com o enthusiasmo das reformas os despotas tradicionaes, como José II, da Austria, Frederico II da Prussia, e Catherina II da Russia.

Sem as especulações philosophicas do seculo VVIII, teria sido impossivel que a civilisação europêa se libertasse do obscurantismo clerical colligado com o interesse dos reis na expoliação dos povos, lisongeando a devassidão dos thronos pelas maximas deploraveis de uma moral casuistica. N'esta revolução intellectual de um seculo inteiro, o ponto de mira foi o clericalismo, na sua fórma a mais fortemente disciplinada, os jesuitas. Pombal, antes de Aranda e de Choiseul, teve a comprehensão d'este problema politico, condição inicial para todas as suas reformas governativas. E' esta parte da sua obra a que hoje glorificamos, e a que pela sua necessidade ainda persiste. Se o Marquez de Pombal não pertencesse por qualquer lado ao seu tempo, ter-lhe-ia sido impossivel realisar por nenhum meio as reformas d'onde provieram para nós as transformações modernas; sem a concentração da soberania absoluta pela imposição violenta das atrazadas doutrinas regalistas, teria sido impossivel ao grande estadista emancipar a acção governativa da absorção clerical, e muito menos a libertação da sociedade civil do obscurantismo systematico dos jesuitas.

Sem os preconceitos atrazados dos monopolios e da balança de commercio, teria sido impossivel repellir a concorrencia abusiva da Inglaterra, que se apoderava do commercio das nossas colonias e do nosso numerario. Diante do criterio politico dos philosophos encyclopedistas, e diante das novas doutrinas dos Economistas, o Marquez de Pombal apparece-nos evidentemente atrazado; mas seria totalmente absurdo governar um povo decahido e embrutecido pelo catholicismo inquisitorial e jesuitico com theorias humanitarias. Para operar qualquer transformação era preciso antes de tudo dar ao governo uma força material, subordinada a um plano. Pombal aproveitou-se do perstigio ligado ao fetiche monarchico, e a titulo de restabelecer a independencia soberana atacou o clericalismo e a aristocracia, com a dureza de quem luctava em um encontro de vida ou de morte com esses poderes da sociedade catholico-feudal.

Conhecendo que as tendencias do seculo eram scientificas e industriaes, reformou o ensino publico, secularisando-o, e chamou para o nosso paiz um grande numero de industriaes francezes, que aqui estabeleceram as primeiras fabricas.

No meio das suas prepotencias, a sua actividade foi sempre dirigida por um sentimento elevado — o patriotismo. E' esta a face com que a sua admiração acha ecco na sympathia popular, e a que se presta ao confronto com a deploravel mediocridade dos nossos modernos estadistas, habeis nos sophismas constitucionaes, eminentes na hypocrisia liberal, mas privados do senso moral do patriotismo que nos arrasta á dissolução do presente. O Centenario de Pombal, estabelecendo na nação a comprehensão da solidariedade do passado, produz

essa agitação emocional indispensavel em toda a transição para uma éra nova. E' por isso que a democracia acompanha esta consagração nacional.

THEOPHILO BRAGA.

OS GRANDES HOMENS

Depois de cem annos amargurados, durante os quaes uma realeza estupida tem espesinhado cruelmente este pobre paiz, fazendo d'elle o joguete dos seus caprichos, das suas ambições e dos seus despotismos, ergue-se hoje a nação portugueza conscia dos seus direitos e das suas regalias a glorificar um dos maiores genios, que teem assombrado o mundo com os rasgos brilhantes da sua intelligencia. Se estudarmos a epocha que precedeu Sebastião José de Carvalho e Mello, aquella em que viveu, os estadistas que o antecederam e os que o seguiram, veremos que, apesar de todos os seus defeitos, elle foi incontestavelmente um homem notabilissimo e que o seu vulto se destaca sublime e grandioso no meio de todos.

Pombal é um dos grandes symbolos do patriotismo portuguez. Se n'este seculo avançado, em que a sciencia e a industria de mãos dadas querem espantar a posteridade com os extraordinarios progressos, que n'elle teem feito, ainda ha algum respeito pelas tradicções e glorias passadas, nós, que temos vivido na ociosidade e na devassidão, talvez que possâmos calar por um momento, ao menos, as censuras do mundo que trabalha e que progride atirando-lhe ás faces com os nomes de Pombal e Camões entrelaçados.

Um cantou as glorias patrias em versos sublimes; o outro lembrou essas glorias com os productos da sua fecunda energia. Um chorou a patria, que elle vira grande e depois pequena; e o outro chorou a pequena patria, que elle fizera grande. Um lançou ao mundo as folhas d'um grande livro, em que se achavam escriptas as tradicções d'um povo; e o outro fez respeitar ao mundo essas tradicções. Um viu os jesuitas matarem o rei e o paiz; e o outro salvou estes matando aquelles. Um era mettido na cadêa por censurar a má administração das colonias; e o outro mettia na cadêa todos os maus administradores. Ambos foram grandes, emfim, ambos foram dois patriotas e isso basta só para serem dignos do nosso amor.

O marquez de Pombal foi despota e cruel, ninguem o contesta, mas sem o seu despotismo teria sido impossivel a obra de regeneração, que encetou. Esmagando o jesuitismo e a aristocracia, os dois grandes obstaculos á civilisação e á liberdade, preparou em Portugal o terreno, em que se haviam de travar em lucta renhida mais tarde os amigos das trevas e os amigos da luz. Egualando um pouco as classes sociaes, dando importancia ao commercio e á industria e demonstrando á fidalguia, que ella só se tornaria respeitavel e illustre por meio do trabalho, foi a primeira alavanca da liberdade e o primeiro destruidor do privilegio.

Finalmente, foi o grande libertador da consciencia humana, preconheceu, primeiro que ninguem, que para se avançar em todos os ramos do trabalho e da sciencia era necessario destruir o jesuitismo, o que elle fez com uma coragem extraordinaria, arriscando tudo, e foi um notavel patriota, tendo sempre em vista com todas as suas medidas, unicamente o bem da sua patria; e isto só basta para que os republicanos se associem á celebração do seu primeiro centenario.

Aveiro comprehende perfeitamente, que é chegada a occasião do povo fazer por si proprio a apotheose dos genios. Entendeu que uma das melhores maneiras de se associar á festa pombalina, era escolher o dia do centenario para lançar a primeira pedra do monumento, que ella vae erguer á memoria do seu filho mais querido. Bem haja.

José Estevão, o inspirado tribuno, o notavel cidadão, ficará tambem na historia como um dos homens mais extraordinarios da humanidade. Em volta do seu cadaver não existem represalias, nem odios. E' que o nobilissimo espirito do orador extinguiu-se na paz dos justos e dos bons. Se haviam odios, baixaram elles á sepultura conchegados ao corpo frio do que fôra grande e em seu lugar ficaram remorsos cruciantes, que dilaceram lentamente no recondito da consciencia humana.

Perdão para os desgraçados e vamos hoje abraçados todos em piedosa romagem, alegres e prazenteiros, porque começou já ha 20 annos a immortalidade do filho de Aveiro, depositar-lhe junto ao pantheon em que vive uma pequenina corôa de louros e perpetuas. Perpetuas para a saudade, que ainda é grande, louros para a gloria, que já enorme. O dia é proprio.

Pombal foi o inimigo dos jesuitas, José Estevão foi o inimigo das irmãs da caridade, as innocentes e pobres companheiras d'aquelles perfidos abutres. Com a differença de que Pombal combateu os jesuitas com a força, a fogueira, a intriga, como era preciso no seculo XVIII; José Estevão combateu as irmãs da caridade com a sua palavra como bastava no seculo XVIIII, aquella palavra em que havia amor, justiça, indignação, magestade e grandeza, mas odio — nunca.

Viandante, quando passares em Aveiro de hoje em diante encontras duas maneiras de prestares homenagem ao grande patriota:

Se tens a crença da gloria e do talento apenas, vaes á praça Municipal e lá encontrarás um modesto monumento erguido pela classe operaria, que perpetua a memoria de José Estevão e que te encanta na sua singeleza e que te commove pelos sacrificios, que custou a uns pobres operarios, que só teem o pão de cada dia.

Se tens a crença religiosa entra no humilde cemiterio da terra e toma ao nascente. Ajoelha junto á mais pobre das capellas que vires e reza. Lá dentro estão os ossos d'alguem que foi bom, que foi justo, que foi pobre podendo ser rico, que foi liberal e que foi PATRIOTA.

LUIZ FILIPPE.

O CYCLOPE

Havia á beira mar um bloco de granito
com parasitas vis.
Mas um Cyclope audaz, com amor infinito,
e com zelos febris,
raspou-lhe a hervagem ruim com a maior limpeza,
e como um esculptor,
enamorado artista esboçou com firmeza
em impetos de amor
a sua Galatea, enorme, gigantesca.
Golpes como trovões
modelavam-lhe o seio em carnadura fresca,
ferteis tumefacções.
Com acha collossal fendia-lhe os contornos.
Na comprehenção brutal
de cada um detalhe ardia como os fornos;
tinha o cio animal.
Trabalhou á vontade e completou tal obra,
abraçando-a com nós
de lubrica espiral como de enorme cobra.
Ciumento, sempre a sós,
co'a sua Galatea em devaneio egoista
d'uma lua de mel!
Mas a bella enlaçou com flamejante lista,
e ungia-a bem com fel
pondo-lhe a antipatia em guarda do ciume.

E Pombal foi assim.
Modelando um paiz, podendo ser um numo,
chama-se-lhe um malsim.

CARLOS FARIA.

UM COLLABORADOR DO MARQUEZ DE POMBAL

As grandes descobertas astronomicas, os progressos da navegação, os descobrimentos maritimos, as contendas religiosas provocadas pelo livre exame, todos esses successos, que abalaram a solidez do catholicismo, promoveram uma reacção inevitavel a favor da orthodoxia christã, dando origem á celebre companhia de Jesus. Era uma melicia, creada pelo espirito do passado, para aniquilar o espirito novo que surgia já, no seculo XVI, no meio das nações civilisadas. Apezar da tenacidade e da intelligencia d'esses soldados do papado não conseguiram os dogmas triumphar da sciencia, apenas poderam demorar por algum tempo o seu progresso material e espontaneo. Mas na Peninsula hispanica, os jesuitas foram mais longe, estiolaram inteiramente as novas gerações, tomando-as desde o berço e esterilisando-lhes a intelligencia com puerilidades absurdas.

Em dois seculos fizeram da Hespanha e de Portugal uma vasta charneca, onde viviam povoações inteiras de idiotas, de imbecis e de fanaticos. O nosso paiz, no reinado de João V, assemelhava-se mais a um enorme convento, do que a uma nação europeia e civilisada. Como se poderia sair d'este estado? Que poderia a vontade de um ministro, por mais energico que fosse, perante o fanatismo e a bestialidade de um povo inteiro? Nada de certo, se um acontecimento, impossivel de prever, a inconsciencia brutal das cousas, o não auxiliasse.

Porém no momento em que Portugal chegára ao ultimo grau de miseria e de baixeza, impellido pelo catholicismo feroz, um phenomeno natural, mas inesperado, veio despertar pelo horror os cerebros enervados e imbecilisados pela embriaguez religiosa. Só um desastre assombroso poderia obter este resultado. Foi o que fez o terremoto de Lisboa em 1755. Na manhã de 1 de novembro, quando toda a população beata e fanatisada se rojava nos templos illuminados, assistindo á missa, ou escutando as predicas festivas do clero, um forte abalo de terra lançava no chão, com as habitações particulares, muitos d'esses edificios consagrados á divindade, sepultando nas suas ruinas milhares e milhares de fieis que resavam devotamente ajoelhados! Onde estava Deus n'esse momento que não acudia ás suas ovelhas? Deus, se por acaso existia, ou não tinha um poder illimitado, não era omnisciente, ou era um facinora odioso que esmagava as innocentes creanças no seio das proprias mães e os seus mais sinceros adeptos até no acto humilde da adoração. Os mais fervorosos crentes, deante de um espectaculo tão desolador, sentiram vacilar as suas convicções religiosas e tiveram um instante de duvida.

A Providencia divina ficára em parte esmigalhada n'aquella destruição monstruosa. O assombro pavoroso estendeu-se de Portugal a toda a Europa; e Voltaire, o grande Voltaire exclamou:

Il faut avouer, le «mal» est sur la terre;
Son principe secret ne nous est point connu.
De l'auteur de tout bien le mal est-il venu?

(«Poeme sur le désastre de Lisbonne»)

A energia despendida por Sebastião José de Carvalho e Mello na reconstrucção de Lisboa permittiu-lhe dominar absolutamente o animo do monarcha, e o desalento e a duvida religiosa causada pelos horrores do terremoto deu-lhe a força necessaria para poder expulsar a famosa companhia de Jesus. Assim o terremoto de Lisboa foi, na realidade, o principal collaborador do ministro de D. José.

TEIXEIRA BASTOS.

O CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL E SEUS DESCENDENTES

A celebração d'um centenario é sempre o thermometro indicador do movimento progressivo d'um paiz, é a manifestação clara e desaffogada da vitalidade scientifica d'um povo, é a medida do estado evolutivo da humanidade; significa o despreso pelos velhos dogmas e o enthusiasmo febricitante pela marcha conquistadora da sciencia. Os velhos santos a quem annualmente a Egreja consagra com um fervor inconsciente, missas e sermões misturados com o perfume mystico d'um incenso banal, vão sendo substituidos pelas festas nacionaes, pelas saudações energicas aureoladas d'um vigor extraordinario despedidas pelo coração popular aos grandes pensadores, áquelles que trabalharam durante toda a sua existencia a bem da humanidade, da sciencia, do progresso. Hontem os clamores erguiam-se até Voltaire, Camões, Miguel Angelo e Calderon, hoje o grito delirante das massas populares, a força viva do paiz busca a memoria augusta e veneranda do Marquez de Pombal, que tanto e tanto bem nos fez. Ainda ha pouco prestavamos uma homenagem ha muito tempo devida ao deus da poesia lusitana, hoje tributamos um preito sentido e expontaneo ao ministro sabio e austero, que, n'um lampejo da sua actividade inimitavel, reconstruiu de um só golpe a nossa primeira cidade, que um tenebroso terremoto havia derrocado, que lançou a pedra fundamental da nossa vida agricola, que emfim, e foi esse quanto a nós o seu mais vigoroso impulso, formulou essa lei sublime expulsando do nosso territorio essa praga syphilitica e venenosa que por atrevida ironia se appelidava—jesuitismo—. O sabio estadista devia ter vivido no tempo actual e na verdade era esta a sua verdadeira epoca; aquelle seculo era demasiadamente pequenino para poder comprehender esse espirito illuminado, essa consciencia incorruptivel e inabalavel, esse caracter severo mas independente, indomavel mas essencialmente democrata, symptomatico de uma grande evolução social que mais tarde, agora veio a manifestar-se.

Accusam-te os labios aristocratas de cruel, tyranno e sanguinario e não sabemos que mais, sem se lembrarem de que era absolutamente necessario um meio radical e decidido para combater esses vermes que minavam o reino e o dominavam do norte ao sul de Portugal.

Para os grandes males grandes remedios.

E são os teus proprios descendentes quasi os unicos que, de mãos dadas com essa raça vil, vieram levantar o grito de guerra contra as sacratissimas aspirações dos estudantes portuguezes!

E são aquelles que usam do teu venerando titulo, que tentaram collocar um dique á sagração da tua memoria, que imbecilmente quiseram avassallar as consciencias virginaes, que tentaram gelar os corações palpitantes do nosso povo, aquecidos á luz irradiante do teu espirito! Mas, se esses que sentem nas veias a circulação do teu sangue já perfeitamente transformado, completamente corrompido, não souberam comprehender-te, já que os nobres e grandes de Portugal fascinados pela inveja e egoismo cortesão, não quizeram ver em ti a immensa superioridade que d'elles te separava, já que os perfumes da nossa aristocracia alvar se recusaram a thuribular-te, tens em compensação o brado alegre e sincero do povo portuguez, tens a admiração extatica e valiosa de toda a academia, tens todo o palpitar vibrante do coração febril, generoso e bom da democracia portugueza.

Lisboa—1882.

EGBERTO DE MESQUITA.

A PROPOSITO DO CENTENARIO

A commemoração do centenario do grande estadista Sebastião José de Carvalho e Mello, que, pela sua vontade energica, altos dotes intellectuaes, probidade inconcussa e austeridade de caracter, tornou Portugal outra vez rico e respeitado pelas mais poderosas potencias do mundo, erguendo-o do abatimento a que tinha chegado no tempo do devasso e dissipador D. João V, é um dever civico, a que nenhum portuguez verdadeiramente amante da patria, póde exi, mir-se, sob pena de ser considerado fazendo parte da abominavel seita de Loyola que o inclyto ministro expulsou do reino, como causadora das grandes desgraças nacionaes.

Quando outros factos não houvesse na vida do homem excepcional, ante o qual a Europa se curvava admirada, bastaria a expulsão e abolição da Companhia de Jesus, essa amaldiçoada instituição, que só pode viver no seio das mais fundas trevas, pelo anniquilamento e pela morte do espirito, para que o Marquez de Pombal merecesse o nosso respeito, a nossa veneração, a apotheose, que hoje realisam a mocidade academica e com ella todos aquelles para quem o amor da patria não é um mytho e a prosperidade geral uma cousa inutil. Mas, os melhoramentos e reformas, a que está vinculado o nome do conde de Oeiras, são tantas e tão grandiosas que não cabe nos estreitos limites de um artigo mencional-as todas.

A agricultura, o commercio e a industria devem muitissimo ao ministro de D. José, que abrindo numerosas estradas, creando a aula de commercio, auxiliando o desenvolvimento das relações commerciaes com os paizes estrangeiros e promulgando leis, como a que aboliu os pequenos morgados, arrancou do marasmo aquellas verdadeiras fontes de riqueza, que os governos d'agora exploram vergonhosamente, pretendendendo anniquilar, em nome de uma falsa liberdade, o que até o despotismo tinha interesse em fazer desenvolver e prosperar,

«O ramo de administração publica, onde o Marquez de Pombal imprimiu mais perduraveis vestigios da sua passagem no poder, foi incontestavelmente a legislação civil. Ahi o Marquez de Pombal foi um revolucionario altamente benefico, e introdu-

ziu no regimen interno do paiz muitos dos melhoramentos que a revolução de 89 introduziu em França.» *(Historia de Portugal.)*

Reorganisou o exercito e a marinha, reformou as finanças, acabando com a anarchia que até ahi reinava na administração da fazenda publica, abateu ó orgulho da aristocracia e do clero cortando as regalias d'estas duas classes privilegiadas de quem o povo era escravo, e aboliu a odiosa distincção entre christãos novos e christãos velhos, declarando aquelles aptos para exercerem cargos publicos, e impondo severas penas a quem os insultasse.

A emancipação dos indios do Brasil com que deu profundo golpe no poder dos jesuitas na America é uma das medidas mais generosas do grande estadista.

O infame e catholico tribunal da Inquisição, cujas fogueiras e torturas eram os mais poderosos instrumentos da theocracia, que, para submetter a humanidade ao jugo aviltante do clero, recorria ao terror e á violencia, destruindo a razão e a consciencia do homem, não escapou á acção civilisadora do eminente ministro, que lhe annulou completamente o poder.

O serviço, que por este facto prestou á humanidade e ao progresso, é de tal ordem que não podemos recompensal-o.

E poucos annos antes, no reinado de D. João V, ainda o clero se deleitava, gosando o infame espectaculo dos autos de fé, ouvindo os gritos cruciantes dos martyres, que espiavam no potro e na fogueira o crime de serem mais virtuosos do que os selvagens inquisidores e ignobeis familiares do Santo Officio.

A instrucção publica não lhe deve menos do que a legislação civil, no que muito concorreu para a libertação do pensamento.

Expulsando os jesuitas do ensino tirou a instrucção á direcção do espirito ecclesiastico, reformando completamente os methodos até então seguidos.

Deu um grande impulso á instrucção primaria e secundaria e elevou a Universidade de Coimbra á altura da civilização do seculo XVIII.

A reconstrucção da cidade de Lisboa, destruida pelo medonho cataclysmo de 1755, e as medidas tomadas pelo marquez para provêr a todas as necessidades publicas deixaram maravilhado o embaixador de França «que não acreditava em semelhante milagre.»

Aquelle homem extraordinario, gloria d'um paiz e d'um seculo, a quem Portugal deve tantos e tão valiosos beneficios e que com razão póde chamar-se o precursor da grande revolução franceza, praticou alguns actos que muito deslumbrariam o seu nome se não devessemos attender á epocha e meio em que viveu e aos fins que o determinaram.

A alçada do Porto e o processo do Tavoras são factos de um despotismo sanguinario, que enodoariam a gloria do primeiro estadista portuguez, se não tivessem succedido no reinado de D. José.

Tambem ninguem como elle tem sido tão calumniado! Apezar de ter deixado, quando largou o poder, o thesouro transbordando em dinheiro, tendo ficado completamente vazio por morte do dissoluto D. João V, não evitou que o accuzassem de concussionario! Mas «o tribunal da posteridade pronunciou emfim o juizo definitivo, e reconheceu que, se o Marquez de Pombal se deixara desvairar pelo poder absoluto que escrevera e praticára indesculpaveis atrocidades, fôra como ministro o mais notavel de que Portugal se gloria, fôra um dos primeiros estadistas do seu tempo, o homem a que Portugal mais deve, que foi elle só uma revolução e uma revolução benefica nas anachronicas instituições do nosso paiz.» *(H. de Portugal)*

Tem pois o incomparavel estadista do seculo XVIII, justificados titulos á apotheose realizada pelo povo portuguez, e para que a festa seja em tudo digna de quem a faz e de quem a merece, não esqueçamos que as suas leis ácerca dos jesuitas não são cumpridas, posto não estejam derrogadas.

Obriguemos os governos a observal-as, e se elles não quizerem, expulsemos nós mesmos os milhafres do jesuitismo, quanto mais não seja, para mostrarmos que sabemos acatar e obdecer ás leis do paiz.

ANSELMO XAVIER.

A PIEDADE JESUITICA

Esta piedade retrospectiva do jesuitismo portuguez pelas victimas aristocraticas da implacavel justiça do Marquez de Pombal seria simplesmente comica, se não fosse tambem repugnante pela asquerosidade dos sentimentos que a dictam.

Onde a piedade se havia de ir esconder! No coração rancoroso e tigrino do fanatismo catholico, que nos desvarios canibalescos dos seus incorrigiveis instinctos sanguinarios foi até onde não poude chegar a imaginação chineza na invenção dos supplicios e das torturas, ao pôtro, ás tenazes ardentes, aos ferros em brasa, ao cavallete, ao borzeguim, aos metaes em fusão, ao azeite a ferver, a todo esse apparato da inquisição e dos queimadeiros, a todos esses refinamentos infernaes de crueldade, com que a intolerancia religiosa martyrisou a sangue frio, durante quasi dois mil annos, o genio e a loucura, a liberdade e a sciencia, a honra e a dignidade, desde Hypatia até Urbano Grandier, desde os ebeonistas até aos protestantes.

E são os sectarios d'essa escura religião de morte e de sangue, de intolerancia e de violencias, que põem o olhar no céo para melhor esconderem o inferno que trazem no coração, que ousam hoje, sob os esplendores da civilisação moderna, accusar o Marquez de Pombal de sanguinario e despotico, a elle, que annulou a inquisição, que extinguiu a escravatura no continente, que libertou os indigenas da America, que reformou pela base a instrucção nacional, que regularisou o ensino e que emancipou o espirito portuguez da tutela degradante do fanatismo!

E' isto sobretudo, a expulsão dos jesuitas, que lhe dá direitos aos gloriosos rancores de todos os tartufos; mas é isto tambem que o recommenda ás sympathias e ao applauso de todos os espiritos emancipados da escravidão theologica.

E ao passo que nós, os liberaes, lhes consentimos que elles, os fanaticos, façam de Ignacio de Loyala um santo e de Alexandre VI um infallivel, elles tem a pretensão de nos não permittirem que façamos do Marquez de Pombal um heroe e de Voltaire um emancipador!

Quando é que o partido liberal se compenetrará d'estas simples noções: que não ha tolerancia para a intolerancia nem immunidades para o fanatismo, e que se a legitima defeza é, para o homem, um direito, é, para a sociedade, além d'um direito um dever?

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

O CENTENARIO POMBALINO

Na commemoração das grandes datas de um povo, e no preito aos patriotas que, com a palavra, penna ou espada, illustraram a sua historia, ha um dos symptomas da sua vitalidade. Mais essas manifestações se amiudam, mais o espirito publico se vivifica. Mais o merito se põe em relevo, menos indifferentismo selvatico corróe a sua vida social.

A historia de um povo é o evangelho em que as gerações se inspiram para as luctas do porvir. Uma vez esquecida esta verdade, a sua ruina é fatal, o seu anniquilamento a consequencia immediata do desprestigio.

O individuo que não lucta esterilisa-se, a sociedade que não evolve tende a esphacelar-se. A historia é prodiga d'esses exemplos. Luctar é viver. Tal é o principio que originou a formula *Struggle for life*, que de dia em dia se accentúa nas sociedades.

D'entre as preoccupações ingentes, que actualmente agitam o mundo culto, a *liberdade da consciencia* occupa sem duvida um logar importante.

De longa data, o espirito humano, empenhado em abolir de vez o dogma e a religião official, caminha persistente na acquisição d'esse ideal, contra o qual se teem opposto as baionetas da *ordem publica*, a ferocidade das cruzadas, as fogueiras do santo officio, os carceres dos reis e as intrigas das sacristias. A tudo isto porém tem resistido e as perseguições não teem feito mais que avigorar os seus esforços e desenvolver-lhe a actividade.

Os principios da Moral scientifica tendem a substituir o velho Ceu e o decrepito Inferno e a amalgamar os principios heterogeneos do *egoismo* no *altruismo*. D'este modo as relações do homem para com a sociedade, impostas á consciencia humana pelo galardão e correcção divinos, passam a ser a simples resultante do interesse commum, desanuviada de todo o sobrenaturalismo.

Uma sociedade constituida n'estas bases dispensa-se perfeitamente de uma religião official, e conseguintemente de um clero dispendioso e fanatico, que a titulo de moralisar e instruir só diffunde o terror, pelas futuras penas do Inferno, e as sombras, pelo dogma.

A religião e a dignidade humana ou a resultante da sua collectividade — o direito, são incompativeis, e mesmo de uma incompatibilidade radical.

O direito é o arbitrio que todo o individuo gosa de desenvolver livremente todas as suas faculdades physicas e moraes, sem offensa de outrem, de dirigir os seus actos pelos impulsos da sua consciencia e reflexão, e finalmente de conservar a autonomia da sua personalidade. A religião, pelo contrario, é a encarnação de um individuo em uma entidade, a estagnação do ensino tradicional, a submissão cega a seres tangiveis ou intangiveis, como deuses, demonios ou padres, em resumo a alienação completa de toda a iniciativa e de toda a direcção individual.

A moral social diz ao ser pensante: — pensa e opera. A religião diz-lhe: — crê e obedece.

D'entre todas as congregações religiosas, que todas ellas se teem empenhado em conservar o espirito humano n'esta abjecta sujeição, n'este menospreso pela sua dignidade individual, é indubitavelmente a Companhia de Jesus a que acima de todas collocou e colloca essa escravidão espiritual, para o seu engrandecimento e para o do papa, exprimindo-a na seguinte formula adoptada pelo seu regulamento: — *Perinde ac cada er.*

E' pois contra esta congregação, cuja historia resume actualmente a historia do catholicismo romano e as suas maquinações, que devem convergir as attenções de todos os homens amantes dos principios liberaes.

Nos factos d'essa lucta ingente que se tem prolongado, atravez dos seculos, até nós, surgem luminosos vultos que pela eloquencia da palavra, robustez de argumentos e energia de acção conseguiram trahir os tentaculos d'esse enorme polvo, que assoberbava a Europa.

Entre nós coube a iniciativa d'essa gloriosa cruzada a Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal, cujo centenario a nação portugueza celebra hoje com grande pompa e enthusiasmo.

Sebastião de Carvalho e Mello é um d'esses vultos que sobresáem na historia dos povos, e, se bem, com uma certa repugnancia, se encara o seu aspecto orgulhoso e a sua espaçosa testa, com sentimento de pezar se recordam alguns dos seus actos de energia, por vezes injustificada, é comtudo certo que o paiz muito lhe deve e elle muito lhe quiz.

Quando em França se celebrava o centenario de Voltaire, o satyrico por excellencia, disse um eminente escriptor:

«O povo de Paris celebrando o centenario de Voltaire, o auctor da *Henriade*, não trata nem de manifestar as suas tendencias realistas, nem mesmo a admiração pelo seu talento, porque somenos fôra então o seu empenho; mas de protestar perante o mundo a sua repugnancia pelo fanatismo religioso e a sua adhesão pela liberdade da consciencia, de que o poeta e encyclopedista foi um dos mais fervorosos campeões, chegando a ser o terror dos tonsurados.»

Nós diremos, em risco de sermos taxados de plagiarios:

«A nação portugueza celebrando o centenario de Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal, tem como principal objectivo protestar contra a reinstallação abusiva no paiz de congregações religiosas de origem jesuitica, das quaes o marquez de Pombal fôra o expulsador.»

E fica sobejamente justificado o seu centenario.

G. BENEVIDES.

A ADMINISTRAÇÃO POMBALINA

Durante o seculo XVIII dá-se na politica europeia um facto, que não pode passar desapercebido aos olhos do observador, — é o crescimento em poder e grandeza das nações do norte e o enfraquecimento das meridionaes, que desaparecem, quasi, na sua nulidade.

Assim a Inglaterra torna-se a dominadôra dos mares, forma-se o imperio da Russia, sob o sceptro de Pedro o Grande, o pequeno ducado de Brandbourgo constitue-se na bellicosa e protestante monarchia prussiana, a Hollanda estende o seu dominio ultramarino e apparece nação colonisadora. Pelo contrario a Italia, a Hespanha, Portugal, resvalam n'uma fatal e apressada decadencia.

Representádo o brilhante papel, que lhes coube na renascença a raça dos seus heroes — artistas, guerreiros, navegadores — some-se da scena do mundo, deixando apoz de si sociedades pervertidas pelo fanatismo, hypocritas, corruptas, sem literatura, sem sciencia, sem arte.

Limitando-nos a estudar o que se passa, então, em Portugal, encontramos uma nação ignorante, escandalosamente depravada nos costumes pela hypocrizia, pelo luxo faustoso e apezar d'elle pobre, estupidamente fanatica, sem um vivo sentimento religioso, sem literatura original, sem sciencia, sem arte, sem industria, sem exercito e sem marinha.

A patria de Vasco da Gama, d'Albuquerque, de Camões, de Gil Vicente, de Pedro Nunes, de tantos varões illustres em todas as manifestações do que tem de mais nobre o espirito humano, offerece-nos, n'este seculo, um quadro verdadeiramente triste. E' uma nação de frades e de fidalgos, mas de frades depravados, sem o espirito, que os levára n'outro tempo atravez dos mares á conquista d'almas para Deus, e de fidalgos, que fazem consistir a sua nobreza no luxo immoral e a sua galhardia em correrias e provocações nocturnas a pacatos burguezes.

Tendo cumprido gloriosa missão no mundo decae no abysmo em que se somem as nações desorganisadas, quando mão patriotica a tenta amparar na quèda.

Um homem verdadeiramente grande, educado nas ideias, que então vogavam na Europa culta, poude com o seu pulso de ferro suster, á beira do abysmo, esta nação perdida por dois seculos de brutal fanatismo, que lhe atrophiou a energia tradicional.

Conhecedor do estado da sociedade a cuja frente se encontra, Sebastião José de Carvalho e Mello mette os hombros herculios á reforma de sua administração e desenvolve uma obra de reconstrucção, que, nem por ter sido, em parte, ephemera, é menos grandioza. Foi a baze, o primeiro elemento da futura reorganisação nacional; foi o primeiro impulso, para despedaçar as causas, que levariam Portugal a uma asphixia certa, se o sol explendido da liberdade não viesse mais tarde destruil-as completamente, insuflando á nação vida nova pelo trabalho e pela independencia intellectual.

Como bom constructor a sua obra começa por aplanar o terreno, aonde deve ser levantada a edificação. Não vacila um momento. Dotado de uma energia sem precedente, na historia portugueza, entra na lucta com decizão e coragem, desviando serenamente os obstaculos, que tentam impedir a realisação da sua empreza. Nem tenebrosas machinações, nem a intriga insidiosa e vil fazem parar o raio, que a sua mão despede e que vai direito sem desvio ferir a classe previligiada e inutil ou a roupeta negra e hypocrita.

Abusa do cadafalso e da masmora, lança mão da fogueira, mas o plano caminha, o terreno é desbravado e limpo, a edificação pode começar.

E' então que o seu espirito previdente e encyclopedico se manifesta em medidas, que tornam para sempre celebre a sua adminitração.

Nivela as classes, que compõem a sociedade fazendo desapparecer a distincção entre christãos novos e velhos, equiparando os canarins aos europeus, abolindo a escravatura no reino, abatendo os privilegios dos nobres, coarctando a abusiva ingerencia do clero nos negocios temporaes; desenvolve o commercio; liberta a navegação, cortando-lhe a peia dos comboyos; cria a

industria, fundando fabricas, dando-lhe educação profissional e uma desvelada protecção; espalha a mãos largas pelo paiz a instrucção primaria e secundaria, reforma a superior, decreta o estabelecimento da meza censoria, para superintender em todos os ramos da instrucção publica; refunde a legislação civil; organisa o exercito; augmenta a marinha; fortifica as praças da fronteira; torna Portugal respeitado no estrangeiro, respondendo com a guerra ás intimações insolitas da Hespanha e da França, obrigando a Inglaterra, a reparações que não estavam nos seus habitos, nem no seu orgulho, fazendo-se ouvir no conselho das nações da Europa, abatendo o poder dos papas, cujas tendencias limita.

E depois de vida tão gloriosa, de trabalho tão insano e tão patriotico encontra, como premio, o exilio, onde impotente vê destruir uma a uma quasi todas as suas providencias regeneradoras e morre isolado, sem uma lagrima sobre a sua campa, odiado pelos que perseguiu, e despresado pelos que favoreceu!

No meio d'este concerto de rancor e de vinganças, sómente aparece a figura sympatica do Bispo de Coimbra a velar-lhe os ultimos momentos, a suffragar-lhe a alma com solemnes exequias, e a voz de Fr. Joaquim de Santa Catharina recitando-lhe corajosamente a oração funebre, primeiro protesto da historia contra a calumnia vil, que o feriu na sombra, contra a peregrinação injusta, que lhe galardoou os serviços.

Foi despota, foi barbaro, accusam-o até do crime de peculato, a elle que instituiu a fiscalisação das rendas publicas, creando o Conselho de Fazenda, a elle que organisou as finanças, centralisando no Real Erario a percepção de todos os impostos, e o pagamento de todas as depezas!

Que foi barbaro e despota, que mais de um innocente foi victima de uma suspeita, ou de uma vingança pessoal, é verdade. Consideremos, porem, que nunca houve estadista a quem se contrapozessem, no caminho das suas reformas, maiores e mais numerosos obstaculos e desapareceram essas manchas, que o pretendem enodoar.

Assim aparece-nos cercado de victimas, no meio de ruinas, mas aureolado pelo fogo sagrado do patriotismo, implantando o seu plano de regeneração.

Sejamos justos. Colloque-se quem o estuda na epocha em que operou e diga se hoje, quando impêra a liberdade e a tolerancia, quando não existem privilegios, quando todos somos eguaes perante a lei, nós que inventamos *pavorosas*, elevamos simples arruaças á altura de revoluções, dissolvemos *meetings* e acotilamos os *flâneurs* do Passeio Publico, podemos ver nas perseguições pombalinas manchas, que não desapareçam offuscadas pelo brilhantismo e pela grandeza da obra de Sebastião José de Carvalho e Mello?

Um seculo, que decorre entre nós e a epocha em que viveu o grade estadista impõe-nos o dever de avaliarmos os seus actos imparcialmente, sem odios, sem rancor, sem paixão.

Se ha victimas a lamentar, innocentes a illibar, ha tambem grandes criminosos sobre os quaes deve cair inexoravel a justiça da historia. E se ainda hoje, reconhecida a opportunidade, a necesssidade e a justeza das reformas o seu nome é objecto de odio, e a celebração dos seus feitos é motivo, para que a reacção lavante o peçonhento collo, devemos estar precavidos contra a paixão com que na sua epocha os lesados o accusaram.

Riscado, porém, o que no libello ha de rancoroso e apaixonado, o Marquez de Pombal apresenta-se aos olhos da posteridade como um benemerito.

Limpa das calumnias inimigas e das adulações contemporaneas a obra do Marquez de Pombal chega magestosa até nós, para fazer pulsar de patriotico enthusiasmo um povo inteiro, que na apotheóse, a que hoje eleva a sua memoria, o aponta como exemplo vivificador a imitar.

Aveiro.

F. R.

O MARQUEZ DE POMBAL PERANTE O SECULO

As grandes ideias e as grandes iniciativas teem sempre por protogonistas o renome da heroicidade e o cunho do patriotismo. Ainda não ha muito o reconhecimento nacional elevava-se unisono e fremente na apotheose d'um poeta insigne e immortal, d'um heroe intrepido e audacioso, do mais galhardo paladino do seculo XVI e já hoje, cerca de dois annos decorridos, vemos a consagração popular expontanea e vigorosa attestar solemnemente perante o paiz o respeito e a homenagem devida ao grandioso vulto d'um ministro benemerito e glorioso e d'um patriota energico, incorruptivel e audaz.

As festas civicas vão sendo de facto as grandes solemnidades redivivas dos povos. D'antes o preconceito nacional e imperioso impellia as sociedades por uma via funesta e sombria que conduzia de ordinario ao mais lobrego amago do obscurantismo, da idolatria monarchica e do fetichismo ridiculo e sanguinario. Presentemente a orientação fecunda e salutar do espirito moderno e da tendencia democratica vae incutindo na parte do povo honesto, laborioso e illustrado uma ampla corrente de principios novos e de intensas aspirações inquebrantaveis. Portanto a grande festa do dia, esta plenissima affirmativa da mocidade, esta poderosa consagração da academia está evidentemente justificada e impreterivelmente autorisada. O marquez de Pombal foi em muitos dos seus actos um verdadeiro homem do seu tempo. Precursor d'uma revolução que mais tarde floriu das sementes que elle depoz na terra, este famoso ministro nas suas mesmas contradições e nos seus erros, na sua tyrannia e na sua magnanimidade, foi instrumento da liberdade que hoje disfructamos.

A geração actual é assás competente para medir o gigante que fechou simultaneamente em uma das mãos a companhia de Jesus, a nobreza, a inquisição e a curia romana.

E já por este impulso revolucionario de rara energia e de fecunda iniciativa, este infatigavel estadista é crédor de que a nação conscia dos seus deveres e grata a taes medidas se erga como um só homem para firmar uma adhesão indelevel de mutua solidariedade e delinear o caminho a seguir em busca do luminoso ideal de justiça e de liberdade. Todos os paizes teem os seus heroes que divinisam e glorificam. A Hollanda, por exemplo, solemnisou o centenario de Spinosa, a Italia prestou ruidoso culto a Dante, Petrarcha e Miguel Angelo; a Hespanha promoveu o centenario de Cervantes, e a França enthronisou Voltaire no apogeu da mais radiante e esplendorosa gloria. Portugal tem o seu Camões; ao passo que attesta da maneira mais louvavel o seu patriotismo e vitalidade na festa do primeiro centenario de Pombal.

D'este modo, nós vemos todas as associações do paiz, todas as corporações, todas as academias, todos os gremios, escolas e institutos fazerem-se representar com o brilhantismo e acatamento que dá a convicção, n'esta festa de patriotismo democratico e de confraternidade nacional.

O que este grande homem executou, só o executa um genio privilegiado e intemerato, e o d'elle de tal sorte o foi que até o terremoto se poz ao serviço da sua gloria, destruindo em alguns segundos os monumentos do passado, para edificar com as ruinas provenientes d'um cataclysmo cyclope ? sua immortalidade historica e a sua forte e absorvente capacidade governativa. Usurpando a corôa e o sceptro da realeza e apoiado n'esta, inscreveu na historia em vez do nome d'um monarcha ocioso o seu proprio nome e o seu glorioso reinado.

A mocidade ardente e enthusiastica, esta sympathica individualidade sublime radiante e serena, que surge para a vida politica e social e que hoje se apresenta a saudar o grande Marquez, consagrando-lhe um protesto de liberdade e de democracia, de austeridade e de esperança, de iniciativa e de desprendimento, de revolução e de gloria ha-de ser a mesma que ámanhã se insurgirá solemne e porfiosa no seu posto a fulminar o embuste catholico e o sophysma monarchico, a mentira renitente e a reacção sinistra, profundando-lhes uma impotencia degradante, chata e ignominiosa. A nação levanta-se e resurge por meio d'uma manifestação de civismo perfeitamente á altura do seu heroe. E este despertar d'um povo em vesperas da agonia, espargindo um lampejo de intensa vitalidade, põe em debandada a invectiva clamorosa do clericalismo e deixa na esphera da sua rotação um rastro perenne de luz que as trevas do obscurantismo nunca conseguirão extinguir.

Aveiro—1882.

A. PONCE LEAO BARBOZA.

OS JESUITAS E O MARQUEZ DE POMBAL

Sem grandes males não ha grandes revoluções; por isso ellas tem sido de todos os tempos. Os phenomenos na ordem material, tem os seus equivalentes na ordem moral.

Tempos ha em que um só homem produz uma revolução. E' questão de occasião. Christo, Mahomet, Luthero e Calvino, são superiores a Alexandre, a Anibal, a Cezar e a Napoleão. Mas ninguem conceberia uns sem os outros, nas revoluções sociaes.

Christo impõe-se em Constantino, em Carlos Magno, em S. Luiz e em Carlos V. Mahomet educa e mata; préga e esgrime; cathechisa e commanda. Luthero e Calvino algemam os povos aos soberanos, pela accumulação de todos os poderes. D'este cahos ha de sahir alguma cousa util.

Todavia Christo teria não desejado Carlos Magno e S. Luiz; teria talvez detestado essas emprezas da Edade Media, que regaram de sangue europeo o occidente da Asia e o sul da Africa; talvez até teria increpado S. Pedro por haver legado á posteridade alguns maus successores. Sem estes não teriam existido Luthero, Calvino, Zwinglí e Henrique VIII.

Estes crearam Bacon e Descartes; Pascal e Newton; Voltaire e Rousseau e o sanguinoso momento de transicção entre a preponderancia real e a democratica.

A Egreja, que hoje lamenta o sangue derramado, affigura-se-me um juiz que se horrorisa perante a execução da sentença que lavrou. Faltou-lhe experiencia. Mais um pouco de historia e a Egreja salvar-se-hia. Os grandes reformadores não devem só limitar-se ao estudo do meio em que actualmente se acham; devem. pelo passado e pelo presente, advinhar-lhe as tendencias futuras.

A lei de imposição tem o defeito de ser muito pesada para a paciencia e mais forte do que ella; mas não resiste ao assomo de um desespero enthusiastico. Succedeu isso com as leis da Egreja, quebradas pelo povo em beneficio dos reis; succedeu isso com os reis, quando o povo reconheceu quaes eram os seus direitos. E' assim que Christo educou a humanidade? Não. Christo, se teve bons continuadores da sua obra sublime, da sua doutrina augusta, não foi, descrimine-se bem, n'essa collectividade que tem em diversas phases da intelligencia humana, depois d'elle, pretendido dominar sobre Cezar e, ao mesmo tempo, representar a Deus. Póde Gregorio 7.º ser um padre exemplar, em virtudes; poderá ser tudo o que quizerem, menos um bom continuador das sãs doctrinas de Christo.

Elle salpicou de sangue a mitra pontifical e concorreu para um quasi parricidio.

D'elle nos veio esse dualismo entre os poderes temporal e espiritual que desvenda a cada passo o *desinteresse* da Egreja. Leão X tinha uma côrte mais faustosa e talvez mais immoral do qualquer monarcha do tempo.

O luxo fica muito caro e, embora rico, o pontifice traficava com as indulgencias, como qualquer simples mortal. Era um negocio. Muito boa gente tem por favorita a immoralidade. E' uma predilecção. Pio V não era precisamente pio. Mas podia, em face da decencia e da nova luz que a imprensa projectava d'uma extremidade da Europa á outra, sustentar-se por muito tempo esta regalia tão descabelladamente profana?

Os factos que precipitadamente se succedem, provam-nos que não. Luthero préga a rebellião a que vê adherir mais de um terço da Europa. A Egreja então tenta reformar-se, mas essa reforma não é a que ella devia operar. Ella devia antes regenerar-se; mas não: a Egreja armou-se com as ordens regulares. E d'entre esses escudos sagrados, destacou-se com o correr dos tempos esse redil de infamia e de intriga; esse todo activo, anomalo em que não existia mais do que uma vontade, mais do que um fim—o engrandecimento material da companhia acompanhado da idêa de dominio universal—a Companhia de Jesus.

Aveiro—1882.

(Continua).

TAVARES DE CASTRO.

O CENTENARIO

— Que quer dizer todo esse clamor festivo que se escuta d'um a outro extremo de Portugal e o que é mais, que se repercute no Brazil?

— Que significam estes gritos enthusiasticos que vem ferir-nos os orgãos acusticos?

— Que significam os trajes de gala que se ostentam á nossa vista, admirada de tanta imponencia e brilhantismo?

O ruido festival que se ouve, não é bem a apotheose d'uma individualidade e a apotheose d'uma ideia que aqui como no Brazil conta muitos e dedicados campeões!

Os gritos de enthusiasmo que se soltam atravez dos espaços, representam a saudação á nova aurora que surge e ao mesmo tempo os anathemas vibrantes e merecidos á infamia que se submerge envolta na negra roupagem do jesuita!

Os trajes de gala que se nos apresentam são a manifestação de que o velho culto irrisorio dos idolos é substituido pelo culto moderno e verdadeiro prestado á Sciencia que descobre a verdade e desmascara o embuste; pelo culto prestado ao Progresso que condemna os farçantes de batina, os filhos dilectos de Santo Ignacio de Loyola, ao tumulo do esquecimento, envoltos na mortalha do geral despreso, levando por *sambenito* a historia dos milhares de crimes que praticaram.

E' este o culto moderno que não precisa de idolos, de altares, nem de sacerdotes para se manifestar. A' religião dos idolos succede a religião das ideias, a religião da humanidade. Ergue-se a religião do Futuro, some-se a religião do passado. Esmaga-se o Erro e triumpha a Verdade.

Que importa o frenetico esconcear do ultramontanismo se a geração moderna veste a couraça da Razão? Nada. E a prova é que quanto mais o jesuitismo propagava a abstenção e até o protesto ao centenario do Marquez de Pombal, tantas mais adhesões se recebiam, tanto mais enthusiasmo se manifestava.

O que é certo, sem admittir contestação, é que o centenario do grande ministro de D. José é a apotheose da Liberdade, uma conquista para a Democracia e uma valente chicotada ao ultramontanismo, o inimigo confesso da sociedade moderna.

E' assim que eu o comprehendo.

Porto.

BESSA CARVALHO.

O SUBLIME PATRIOTA

Eis a primeira carta endereçada ao lord Chatam, pelo preclaro ministro:

«Eu sei que o vosso gabinete tem tomado um imperio sobre o nosso; mas sei tambem que já é tempo de o acabar. Se meus predecessores tiveram a franqueza de vos conceder tudo quanto querieis, eu nunca vos concederei senão o que devo.

«E' esta a ultima resolução; regulai-vos por ella.»

Foi esta a pedra da mais pura agua que Sebastião José de Carvalho e Mello emmarchetou na aureola refulgente que, ora, lhe engrinalda a fronte!

E' laconica; mas, terminante como a sentença severa d'um juiz; imperiosa e irrevogavel como a força de vontade do que a ditou!

Aquella corajosa e energica resolução conservou-se firme, durante o reinado do grande estadista como rocha vetusta de granito atravez do derruir estrepitozo dos tempos.

E a Inglaterra, a altaneira senhora dos mares, curvou a frente reverente ante a vontade d'um só homem!

O Marquez de Pombal teve erros?

Tambem os companheiros de Christovam Colombo abusaram da sua superioridade sobre os indigenas, e no entanto sem esse punhado de arrojados maritimos o talento cosmographo não teria descobrido o Novo Mundo.

Porto.

AZEVEDO RAMOS.